

POR ENTRE LUGARES E NÃO-LUGARES: O SUJEITO ERRANTE EM HOTEL ATLÂNTICO, DE JOÃO GILBERTO NOLL

IN BETWEEN PLACES AND NON-PLACES:
THE WANDERING SUBJECT IN ATLANTIC HOTEL BY JOÃO GILBERTO NOLL

Maria Suely de Oliveira Lopes*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o sujeito errante na obra *Hotel Atlântico* de João Gilberto Noll, a partir da história de um narrador-personagem que representa o sujeito pós-moderno em constante transição. O referido trabalho realizar-se-á a partir de uma abordagem bibliográfica; a narrativa é lida e analisada à luz das ideias de Stuart Hall (2005), Auge (1994), Santos (2004) dentre outros, que discutem as questões sobre lugar, não lugar e suas implicações para a construção da identidade na pós-modernidade como também da subjetivação do ser. João Gilberto Noll traz na narrativa de *Hotel Atlântico* (1995) um sujeito errante que vagueia por entre lugares e não lugares. O referido autor surge na contemporaneidade com uma linguagem marcadamente seca e fotográfica a focalizar personagens que representam o desassossego, o esfacelamento, a solidão, próprios do homem em conflito com o seu tempo. Sua escrita é marcada pelo esvaziamento das relações e pela fragmentação do sujeito que compõem um não-lugar do vivido e do imaginado. Em *Hotel Atlântico*, o protagonista-narrador anônimo vive a condição de desenraizamento que o torna um sujeito andante seja no espaço geográfico e psicológico.

Palavras-chave: Lugares e não Lugares; Sujeito errante; Identidade; Pós modernidade.

Abstract: The aim of this work is to analyse the wandering subject in the work *AtlanticHotel* by João Gilberto Noll starting from the story of a narrator-character which represents the postmodern subject in constant transition. This work will take a bibliographic approach where the story is read and analysed in the light of the ideas set forth by Stuart Hall (2005), Auge (1994), Santos (2004) among others. These authors discuss the issues of place, non-place and its implications for the construction of identity in post-modernity as well as the subjectivity of being. In *AtlanticHotel* (1995), João Gilberto Noll presents the narrative of a wandering man who rambles through places and non-places. The author emerges in contemporary times with a markedly dry and photographic language to focus on characters representing restlessness, disintegration, loneliness, fitting a man in conflict with his time. His writing is marked by the emptiness of relationships and the fragmentation of the subject that comprises a non-place of the lived and the imagined. In *Atlantic Hotel*, the anonymous narrator-protagonist lives an uprooted condition that makes him a walking subject is both in geographical and psychological space.

Keywords: Place and non-place. Wandering subject. Identity. Postmodernity.

* Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora do quadro permanente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS/UFRN/UESPI e membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Literatura Comparada (INTERLIT). E-mail: suelopes152@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A cena da fragmentação do sujeito invade as narrativas contemporâneas de João Gilberto Noll, em especial a de *Hotel Atlântico* (1991). Esta constitui ser uma obra que apresenta caráter intrigante e desafiador da literatura contemporânea por se discutir temas urbanos e cotidianos que confirmam o discurso das margens, como também a desconstrução do sujeito contrário ao universo de inseguranças do seu tempo. A citada obra configura um sujeito errante e a deriva de si próprio. Inicialmente, destacamos a seguir a escrita do autor em estudo.

A ESCRITA DE JOÃO GILBERTO NOLL

A escrita de João Gilberto Noll é configurada por apresentar sujeitos assinalados pela perda de identidades e, também, pela condição provisória e solidão. Nesse contexto sua escrita enquadra modelos de uma narrativa contemporânea, por trazer em suas páginas a história de um narrador-personagem que representa o sujeito característico da pós-modernidade, por estar em constante mudança.

João Gilberto Noll, em 1970, destacou-se na historiografia da literatura brasileira como possuidor de uma prosa poética exacerbada e originária de um “eu abrasado”, como ele mesmo a nomeia, apresentando uma característica simbólica: a de provocar choque no leitor. Seu discurso discorre entre cinema e literatura, entre ficção e mundo, o que vem a revelar uma prosa viva e atualiza, pois intenciona mostrar o homem no seu presente, no seu estar-no-mundo, que pela fôrma, revela de qualquer forma a si mesmo ou pela não-afirmação ou pela auto deformação. No entanto, há uma história a contar, há uma experiência a narrar: a do esvaziamento do ser, do corpo.

O autor emerge no cenário literário com uma linguagem diminuída, seca e com personagens, que bem representam o desassossego, a fragmentação, o insólito e a solidão, próprios do homem pós-moderno e da respectiva relação conflituosa com o seu tempo. Sua escrita é pontuada pela falta de limites, pelo esvaziamento das relações e pela fragmentação do sujeito que constituem um não lugar do vivido e da fantasia. Nesse sentido, afirmamos que:

A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar

exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Como podemos observar, a escrita de Noll identifica a dispersão do sujeito, aquele que está sozinho, perdido, descorporificado, vivendo num ambiente fluído e sufocante, como assevera o excerto a seguir:

Fechei a cortina [da janela]. Uma contagem regressiva estava em curso, eu precisava ir. Mas resolvi voltar para a cama. Tirei os sapatos com os próprios pés. Sabia que de dentro de mim eu representava um desespero, porque daqui um pouco eu precisava ir. (NOLL, 1989, p. 9).

Observamos que suas narrativas referenciam imagens que se esfacelam em segundos no estilo direto e sábio do escritor de dizer muito com poucas palavras. Uma narrativa sufocante que, ao mesmo tempo, é leve, asfixia e comove. Nela descobrimos vivência, experimento e tentativa contínua de afetar leitores capazes de desafiar o mundo real pela representação, pela busca da compreensão do outro, pela interpretação da condição humana.

A escrita de Noll incorpora o esquivo, ou seja, aquilo que paralisa ou incomoda; sua pena esboça a poética do descontentamento, reforçada por um sentimento aniquilador de se ter uma voz cônica quando o mundo já é total e alienadamente surdo. Assim:

Ao povoar os cenários das suas narrativas de marginais, crianças abandonadas, drogados, mendigos, prostitutas, sem-casa e sem-terra, Noll insere a experiência individual e anônima do exílio, da errância, do abandono, da mendicância e da desqualificação na nossa vivência coletiva da modernidade (TREECE, 1997, p. 10).

Desse modo, há uma voz latente que se recusa a qualquer familiaridade ou encarceramento de ordem social, apenas percorre por entre as searas da vida contemporânea, recriando simulacros da realidade.

Bauman, em *Identidade* (2005), ressalta que na era “líquida moderna” a questão indenitária é ambivalente. Nessa nova era, estamos total ou parcialmente “deslocados” ou não estamos em lugar algum. Segundo o teórico, podemos até nos sentirmos em casa, mas não estamos plenamente em lugar algum.

Nesse sentido, o universo ficcional de João Gilberto Noll sugere uma cadeia de sentidos em direção a dúvida. Criaturas que se frutificam nas fronteiras da marginalidade e que agrupadas a uma possível realidade social, ativam a disparidade existente entre a contravenção e o legitimamente aceito. Sujeitos em trânsito que na dinâmica do ir e vir geram o reflexo de uma sociedade que só se distingue no movimento, estar parado significa pertencer ao passado e, portanto, tornar-se obsoleto.

POR ENTRE LUGARES E NÃO LUGARES: O SUJEITO ERRANTE EM QUESTÃO

Temos observado que as mudanças que ocorrem na vida diária do sujeito resultantes do processo de globalização, decorrendo da nossa relação com o espaço, o tempo e os outros. As duas concepções de lugares estudadas por Marc Augé (1994), “como lugar antropológico/não lugar”, permitem-nos tomar consciência dessas transformações, que surgem de uma forma aparentemente “natural” e vão substituindo a cidade antiga pela emergência de uma “nova cidade”. Para o teórico, se um lugar pode definir o sujeito como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. O sujeito de Noll vive refugiado na esquina à procura de identidade. Podemos dizer que o que ocorre em *Hotel Atlântico* (1995) é consequência da pós-modernidade.

Nesta obra em análise, o sujeito em questão é uma espécie de andarilho, anônimo, desempregado, desenraizado, uma espécie de homem sem qualidades e que, perambula pelos cenários de passagens ou de trânsitos caracterizados por Augé (1994) por não lugares por não ser definido como identitário, relacional e nem como histórico. A ideia que defendemos é a de que a pós-modernidade é fabricante de não lugares, considerados espaços que não são em si antropológicos e que não integram os lugares antigos classificados e promovidos a lugares de memória.

Augé, ao analisar a relação entre lugar antropológico e não lugar na sociedade contemporânea transporta para o espaço a questão da alteridade: “Se a tradição antropológica ligou a questão da alteridade (ou da identidade) à do espaço, é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais

deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos” (AUGÉ, 1994, p. 158).

De acordo com Santos (2004), a subjetividade do sujeito errante em *Hotel Atlântico* (1995) apresenta-se fraturada, conseqüência de um cenário degradado e provisório, como pode ser asseverado a seguir: [...] ali não havia mais a casa de madeira azul (...) “o mesmo velho dono do boteco”. Mas a esquina do boteco não existe mais, “o dono da casa tinha vendido o terreno para fazerem aquele edifício.” (NOLL, 1995, p.99) .

Notamos imagens da mobilidade, lugar imaginário de um encontro possível com aquele que ficou esperando. Com o fenômeno globalização, a temática da identidade cultural baseada no modelo cartesiano, cede lugar a um sujeito que está em permanente edificação e reavaliação do seu modo de ser e agir em sociedade. Zygmunt Bauman, em *O mal-estar na pós-modernidade* (1998, p. 114), vê que o “eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe”, trazendo à tona a fragilidade e a condição provisória do sujeito em que compete avaliar os seus traços identitários.

Sobre identidade, tomamos o conceito de identidade proposto por Hall.

Hall identifica o sujeito iluminista, “um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” (10-11). Em seguida, identifica um sujeito sociológico, aquele que contraria a ideia de autonomia e que se forma em sua relação com os outros. O núcleo do sujeito – “o centro essencial do eu” - ainda existe, mas há mudanças que ocorrem em função do diálogo instaurado entre essa identidade e outras pertencentes à sua cultura e a “mundos culturais exteriores” (11). O terceiro modelo, o sujeito pós-moderno, traz consigo os sinais da fragmentação e da pluralidade de identidades. (HALL, 2001, p.10-11)

Em decorrência dessa pluralidade de identidades, resulta uma nova noção de sujeito com identidade provisória e indefinida. Esse modelo tem sido representado na literatura contemporânea por meio de narrativas fragmentadas, de áreas herméticas, descontínuas e indeterminadas. O romance contemporâneo traz em sua tessitura um diálogo em que as “marcas” das experiências sociais do homem não são mais que a representação de um presente precário e instável.

Esse novo sujeito, produto da pós-modernidade, cuja identidade transitória e incerta, tem sido representada na literatura brasileira contemporânea por meio de narrativas fragmentadas, de áreas elípticas, descontínuas e indeterminadas. A obra

em estudo traz em sua arquitetura um diálogo em que as “marcas” das experiências sociais do homem não são mais que a representação de um presente precário e instável.

O narrador-protagonista do romance é um ser refugiado, em aparente busca de identidade e de raízes e de um lugar, mas não há horizontes para onde ir, pois tudo é vazio. O narrador de *Hotel Atlântico* é um ator encarcerado nas máscaras de representação, pois está sempre representando outras personagens, de forma que a máscara de ator cola-se à face do narrador(SANTOS,2004,p.86-87).Lembramos que as máscaras constituem-se em estratégias ou possíveis saídas para a recusa a se fixar em algum lugar.Ao tempo em que não se apresenta, aprisiona-se às máscaras, teatralmente, incorporando elementos da profissão de ator dos quais não pode mais se libertar.

Durante a narrativa percebemos que o ator, sem nome, veste roupas de outros para a interpretação de um papel ocasional, a jaqueta de lã do ex-marido de Susan Fleming, o pijama do pai de uma prostituta japonesa, a batina de um padre já falecido. Todas essas vestimentas caracterizam identidades descartáveis, subjetividade incoerente. Esses aspectos sugerem na narrativa marcas da “destemporalização do espaço socialmente desestruturado, sem projeto sólido, durável, movimenta um eixo cujo objeto não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe” (BAUMAN,1998, p. 114).

Na relação sexual, o narrador-protagonista atua, também, na função de ator, usando a máscara de um mecânico e do descartável como se estivesse representando um corpo automatizado, sem nenhuma sensibilidade (NOLL,1995 *apud* SANTOS,2004). Outra cena que marca a trama é a passagem com a recepcionista do hotel (Rio de Janeiro) que se chama Marisa. Todas as cenas indicam para o aspecto teatral, o não-afetivo para o consumo erótico do corpo como um produto de massa. De acordo com Santos, a Ficção intervém aí, para ironizar a cena cultural, a subjetividade imposta pela mídia, objeto da *mimesis* do romancista.

O protagonista-narrador incorpora a experiência do abandono e a cena simbólica da cultura pós-moderna com a ficção. No romance, o ator viajante está ininterruptamente indo embora, deixando as pessoas que encontrava pela frente(mulheres, como Marisa, ou sendo deixado sozinho (Diana o abandona quando se torna um pária, impotente e mutilado)(SANTOS,2004).Não há em nenhum

momento passagens da narrativa que demonstre uma ancoragem do sujeito com os lugares que frequenta. Sobre esse aspecto , recorreremos a Augé que nos informa que:

O lugar e o não lugar são polaridades fugidias: o primeiro, nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente-palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo ambaralhado da identidade e da relação. Os não lugares, contudo, são a medida da época: medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância. (AUGÉ,1994,p.74)

Quando não é possível para o sujeito a experiência da relação com o outro ou com o meio em que frequenta, então ele está diante de um não lugar. É o que ocorre como narrador-protagonista de Noll: “Quem sabe eu me case com a melindrosa da portaria? Quem sabe me contente na companhia de uma mulher? [...] Recorrer a alguém seria o mesmo que ficar e eu precisava ir” (NOLL,1995,p.19) .

De acordo com Santos (2004) o andarilho se perde no espaço, em lugares longínquos. O teórico acrescenta que aquele que sempre abandona os outros, acaba ficando a deriva. O ex-ator, na cidade de Viçoso (p.63), vestido de padre: “ a batina era curta para mim”(NOLL,1995,p.64) contempla aquele que nunca parte, ficando fixo no mesmo lugar, numa eterna espera: ele estava sentado na sua cadeira, na mesma posição em que eu o conhecera, pernas cruzadas, olhando a porta da rua”.(NOLL,1995,p.69).

O sujeito de *Hotel Atlântico* é um homem provisório, jamais seguro de suas vontades, está sempre pronto a partir para tentar viver novas vidas em locais diferentes:

“Vi Marisa entre os lençóis pendurados, senti uma ponta de ardência. Mas eu queria ainda almoçar pelo caminho, ficaria muito tarde” [,,]. “Então deu-lhe apenas um beijo suave na boca. Falei que ia” (NOLL1995, p. 69). Em certos momentos, o viajante fica sozinho com um cachorro. Ele não se apega a nada e nem a ninguém. Está prestes a abandonar tudo, se possível, até o cão:

Quando fechei a porta do carro vi o cachorro arruivado me olhando no outro lado da rua,. Abri o vidro. Fiz menção de pôr a cabeça para fora, dizer alguma coisa, algum sinal. Mas nada que pudesse salvar aquela amizade me ocorreu”(NOLL,1995,p.95).

A experiência do abandono se inscreve no seu consciente, e adquire visibilidade na configuração da intriga, nos sonhos o sujeito de *Hotel Atlântico* pode aparecer como mulher abandonada e mutilada: “era uma mulher sem perna”:

Adormeci. Tive um sonho estranho, onde mais uma vez fui mulher. Só que agora para acompanhar a minha vida, era uma mulher sem uma perna. Eu, essa mulher, numa estação de trem do interior, em volta apenas mato, esperava alguém que eu não tinha certeza que viesse. Ai o trem chega, enche de fumaça em volta, não dá para ver mais nada..., e eu acordei. (NOLL, 1995, p.98)

O ator de *Hotel Atlântico* é escorregadiço, hábil, movediço. Por isso, impossível apreender sua identidade arredia e instável. O desejo de partir, sair sem destino, é comprovado quando ao acordar no quarto do hotel, ao amanhecer, a personagem mostrava-se impetuosa, apreensiva:

Fechei a cortina [da janela]. Uma contagem regressiva estava em curso, eu precisava ir. Mas resolvi voltar para a cama. Tirei os sapatos com os próprios pés. Sabia que de dentro de mim eu representava um desespero, porque daqui um pouco eu precisava ir. (NOLL, 1995, p. 9).

O sujeito recusa uma única identidade. Diariamente, cultiva sensações em que o corpo veste as identidades necessárias para escamotear sua origem, como também se adequar aos espaços que ocupa temporariamente. Para o errante não há constituição que possa ajudar o leitor em defini-lo. Sua existência vem assinalada pelo horizonte de indeterminação. Por onde anda, dissolve qualquer objeto que lhe possa trazer alguma lembrança dos lugares por onde passou. A personagem extingue sua história, desfazendo-se da bagagem, dos postais e dos mapas. Ao ser interrogado pela mulher que lhe fizera companhia à noite num hotel, sobre o fato de carregar consigo apenas as roupas do corpo, ele responde: “[e]u não guardo nada comigo” (NOLL, 1995, p. 41). A fala da personagem caracteriza o sujeito desarraigado de suas origens e que não sabe para onde vai, fazendo com que sua vida pareça como uma mera ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a linguagem, em primeira pessoa, e o olhar da personagem concebe uma narrativa dirigida por movimentos imprevistos na busca incessante por

novas paisagens e imagens. Considerando esse ponto de vista, fazer uma leitura de *Hotel Atlântico* (1995) a partir do dilema dos lugares e não lugares e da fragmentação da identidade é pertinente num momento da história em que os aspectos locais dão importância a uma cultura global. A narrativa nolliana indaga um processo de leitura e de procura de uma identidade por parte de um narrador inábil de definir a si próprio enquanto sujeito cultural e socialmente construído.

Notamos que em Hotel Atlântico (1995) não existe uma relação de unidade entre as personagens. Os sentimentos que percebemos na narrativa reverberam o anseio de uma busca perdida. A narrativa nolliana assinala essa dimensão da socialidade mapeada num corpo social doente. O errante representa o deslocamento do sujeito para longe de si e do outro dentro de um universo cultural que causa estranhamento e incompletude. Não há indicio de pertencimento que possa sugerir ancoragem e amparo para os encontros da alteridade. Em *Identidade* (2005, p. 17), Bauman expressa que tanto o pertencimento quanto a identidade “não têm a resistência de uma rocha, não são seguras para toda a vida, e são bastante ajustáveis e revogáveis e dependem das decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age”.

O pensamento do sociólogo guia para a compreensão da identidade não consumada da personagem do romance nolliano. Na narrativa, a relação da identidade inconsumada tem relação intrínseca com a noção de pertencimento à questão geográfica. A pergunta que parece estar sempre subjacente ao pensamento de Augé é saber de que forma os “não lugares” podem provocar uma perda de nós mesmos como grupo e sociedade, prevalecendo agora apenas o indivíduo “solitário”.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Editora Lamparina, 2001.

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Subjetividades da ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2004.

TREECE, D. Prefácio. In: NOLL, J. G. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 07-16.